

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: DORIS WISHMAN, DIRECTOR'S CUT E**  
**LIGHT CONE**  
**PROGRAMA LIGHT CONE 3 – EROTISMO E SUGESTÃO**  
**4 de maio de 2022**

**WALT DISNEY'S EX PROD / 2016**

*de Olivier Fouchard*

*Realização e Produção “do it yourself”:* Olivier Fouchard / *Música:* Colette Renard (“Les nuits d’une demoiselle”) / *Cópia:* DCP, a cores, sem diálogos, letra de música em francês, com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 3 minutos / *Inédito Comercialmente* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**THÈMES ET VARIATIONS / 1928**

*de Germaine Dulac*

*Realização:* Germaine Dulac / *Participação (não creditada):* Lilian Constantini / *Cópia:* 16 mm, a preto e branco, mudo / *Duração:* 9 minutos / *Inédito Comercialmente* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**SLEEPY HAVEN / 1993**

*de Matthias Müller*

*Realização:* Matthias Müller / *Cópia:* 16 mm, a cores, falado em inglês e legendado eletronicamente em português / *Duração:* 15 minutos / *Inédito Comercialmente* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**ECCE HOMO / 1989**

*de Jerry Tartaglia*

*Realização:* Jerry Tartaglia / *Cópia:* 16 mm, a cores, falado em inglês e legendado eletronicamente em português / *Duração:* 7 minutos / *Inédito Comercialmente* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**SOLITARY ACTS #4 / 2015**

*de Nazli Dinçel*

*Realização:* Nazli Dinçel / *Cópia:* DCP, a cores, sem diálogos / *Duração:* 16 mm, a cores, sem diálogos, texto em inglês legendado eletronicamente em português / *Inédito Comercialmente* / *Primeira apresentação na Cinemateca..*

## **SEXE-THYM / 1993**

*de Nathalie Harran*

*Realização: Nathalie Harran / Cópia: 16 mm, a cores, sem diálogos / Duração: 1 minuto / Inédito Comercialmente / Primeira apresentação na Cinemateca.*

## **AI/LOVE / 1963**

*de Taka Iimura*

*Realização: Taka Iimura / Cópia: 16 mm, a preto e branco, sem diálogos / Duração: 10 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira apresentação na Cinemateca.*

## **MIT MIR / 1980**

*de Kerstin Cmelka*

*Realização: Kerstin Cmelka / Cópia: 16 mm, a cores, sem diálogos / Duração: 3 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira apresentação na Cinemateca.*

## **CLASSIC LESBIAN FILMS: DYKETACTICS / 1974**

*de Barbara Hammer*

*Realização e Produção: Barbara Hammer / Participação: Poe Asher / Cópia: DCP, a cores, sem diálogos / Duração: 4 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira apresentação na Cinemateca.*

## **ALL YOU CAN EAT / 1993**

*de Michael Brynntrup*

*Realização: Michael Brynntrup / Música: Dirk Schaefer / Cópia: 35 mm, a cores, intertítulo em inglês com legendas eletrônicas em português / Duração: 5 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira apresentação na Cinemateca.*

*Duração aproximada da projecção: 72 minutos.*

Sessão apresentada por Emmanuel Lefrant.

\*\*\*

Um dos *statements* mais significativos presentes neste conjunto de filmes, com a marca da distribuidora de cinema experimental Light Cone, consiste na afirmação da sexualidade como modo de descolonização tanto do corpo como das palavras. É o corpo, inteiro, sem “zonas interditas”, que se faz palco na esmagadora maioria destes filmes, mas antes de o “enfrentarmos” e o descobirmos como algo “comum”, lúdico e/ou desafiante, assistimos a um processo de apropriação delirante da

parte do francês Olivier Fouchard, autor de um vasto trabalho em filme e em vídeo em que ressalta também o seu talento para o desenho e a pintura. Em **Walt Disney's Ex Prod**, à maneira de um Joseph Cornell ou qual *détournement* à laia dos situacionistas, Fouchard junta várias personagens caninas de Walt Disney. A reescrita de Fouchardt resulta numa *blague*, que procura sexualizar personagens animais habitualmente açaimadas por uma moral infantil ou infantilizadora. Uma delas, uma cadela branca bem espantosa, canta uma música porca de Colette Renard. Esta sessão repleta de imagens sexualmente explícitas começa assim por dinamitar os tabus do sexo, não tanto através do corpo mas da linguagem.

Trata-se de um aperitivo ligeiro, uma vez que a exploração do erotismo anunciado no título deste programa de curtas experimentais – Erotismo e Sugestão – terá como principal *décor* o corpo e, nele, o órgão sexual, mostrado com um espanto próximo da cadela que cantou “Les nuits d’une demoiselle” de Colette Renard: “Le jour? Je baise, tout simplement”. Se calhar o próprio título da sessão apresenta-se ferido de um pudor que faz pouco sentido face a estes filmes-experiências: por que não assumir que esta sessão é sobre “sexo, simplesmente”? Podia ter sido assim, mas também é verdade que há um caminho que se percorre até entrarmos, sem grandes preliminares, nessa atividade humana: sozinho ou sozinha, a dois, a três, a quatro... do mesmo sexo ou não.

Depois do pequeno filme de Fouchard, assistimos a um clássico maior das primeiras vanguardas: **Thèmes et Variations** de Germaine Dullac. Pequena curta realizada no mesmo ano de **La Coquille et le Clergyman**, trata-se de um exercício de montagem metafórica que cruza imagens de uma bailarina com planos rápidos de várias componentes de máquinas industriais em movimento, finalizando com imagens de uma natureza seminal, de onde tudo germina. É fenomenal o modo como Dullac inverte a relação entre o corpo da bailarina e o movimento das máquinas industriais: no começo, parece tratar-se de uma “mera” *performance*, em que a mulher procura “gestualizar” a coreografia maquinal, mas, com o passar dos minutos, esta última toma conta da ação e violentamente dita o ritmo da dança. Por via desta montagem alternada, a mulher parece, a dado ponto, ser tomada/violada por esse “corpo” de movimentos bruscos, perfurantes e giratórios. Estamos definitivamente no campo da mais audaz “sugestão”.

O filme de Matthias Müller, **Sleepy Haven**, combinando imagens encontradas com planos rodados para o efeito, visa “materializar” o território, pleno de sugestões e “segundas leituras”, dos sonhos. Em vagas sucessivas, somos atirados para uma narrativa algo barroca de sonhos eróticos e pesadelos mais ou menos vertiginosos. As personagens – apetece antes dizer “os corpos” – caem num profundo abismo ou, melhor dizendo, deixam-se “afogar” num mar de imagens, nas profundezas das quais desejos, anseios e medos (um *flirt* com a morte) se fundem. A referência mais evidente – pelo ritmo da montagem, os efeitos de cor e solarização, e por força da erótica *queer* – é Kenneth Anger e o seu **Fireworks** (1947), mas... como observou a propósito deste título o grande realizador apropriacionista, o austríaco Peter Tscherkassky, “**Fireworks** não é o único filme a ser aludido aqui, existe outro clássico cintilando no imaginário de Müller: **Un chant d’amour** (1950) de Jean Genet”. Esse mesmo *film maudit* é objeto de desconstrução por parte de Jerry Tartaglia, cineasta experimental e um importante estudioso do cinema *queer* que, entre 1988 e 1990, realizou o que chamou de “The A.I.D.S. Trilogy”. Não é tanto o filme em si que é analisado por Tartaglia neste **Ecce Homo**, mas o ato de se ver – e fazer representar, apetece frisar, *eroticamente* – o sexo entre homens. A tapeçaria é complexa e convulsa, misturando imagens de Genet com *shots* de pornografia *gay* ou, melhor dizendo, justapondo e, por vezes, sobrepondo estas imagens entre si, criando mosaicos reminiscentes da obra-prima de Salvador Dalí, a fotomontagem *The Phenomenon of Ecstasy* (1933).

Em **Solitary Acts #4**, acedemos ao “fenómeno extático” da intimidade feminina, com Nazli Dinçel a expor o seu sexo, bem como o corpo da película, que é alvo de todo o tipo de sevícias, inscrevendo nele um monólogo interior poluído por recordações de uma infância e adolescência marcadas pela culpa ou a denegação do prazer sexual. Esta realizadora, originária da Turquia e radicada nos Estados

Unidos, transforma a sua fruição sexual num muito frontal *statement*, tirando partido do típico efeito de contrapontualidade do cinema *avant-garde*, entre texto e imagem, opondo-se, enfim, a todas as formas de opressão identitária, a todos os modos de repressão da *jouissance* feminina. Lembra *L'Origine du monde*, mas é **Sexe-Thym**, filme de um minuto, que leva mais longe – quase literalizando – a polémica pintura de Courbet. O jogo provocador começa no título: sobre o sexo exposto, o tomilho (*thym*) avança, num ritmo (*rhythm*) desenfreado. A artista Nathalie Harran faz parte do grupo de fundadores do Laboratoire Cinématographique L'Abominable, fazendo do suporte Super 8 o principal *plateau* de um cinema eminentemente preocupado com as questões do corpo e do género.

**Ai/love**, do japonês Takahiko Iimura, foi um dos filmes a lançar o nome daquele que se tornou um dos mais influentes realizadores da cena *underground* nipónica, em que se notabilizaram também Masao Adachi, Toshio Matsumoto, Takashi Ito e Shuji Terayama. O filme de Iimura ressoa de maneira surpreendente naquilo que mais tarde fariam realizadores como Jack Smith ou Yoko Ono – Iimura escreveria uma biografia sobre a artista visual, entre outras coisas, figura de proa do movimento Fluxus. Trata-se de uma “viagem” pelo corpo humano, um corpo que, na realidade, são dois corpos, ambos despidos, entrelaçados, beijando-se, “devorando-se”, fundindo-se até à mais perfeita indistinção. Nas palavras de Jonas Mekas, Iimura empreendeu “[u]ma exploração poética e sensual do corpo... fluída, direta, bela”. Usando um termo mais surrealista, diria que Iimura “desfamiliariza” o corpo humano, fazendo com que o redescubramos enquanto “paisagem perdida”. Dois corpos fazem amor e um novo corpo nasce através das imagens de Iimura, por efeito do grão de um preto-e-branco muito contrastado, mediante negativizações ou, sobretudo, de um olhar microscópico sobre recantos difíceis de localizar no(s) corpo(s). Ocorre-me o que escrevia Siegfried Kracauer, em *Theory of Film: The Redemption of Physical Reality*, a propósito da potência reveladora do *close-up* no cinema: “Qualquer grande *close-up* revela novas e insuspeitas formações da matéria; texturas da pele são reminiscentes de fotografias aéreas, olhos transformam-se em lagos ou crateras vulcânicas”.

Se Iimura tende para essa (con) fusão corpórea ou corporal, o interessantíssimo **Mit Mir** induz a perfeita cisão numa mesma identidade, desdobrando-a em dois corpos. Na cama, as duas mulheres que vemos são, na realidade, a mesma mulher: uma acaricia e faz amor com a outra, o seu duplo. Aqui, de facto, “Je est un autre”, citando Rimbaud. A austríaca Kerstin Cmelka realiza, através do efeito simples de dupla exposição (que fez escola entre os surrealistas), uma espécie de “Je, Je”, para, também com isso, dar a volta ao título de Chantal Akerman de que é claramente devedor: **Je, tu, il, elle** (1974). Pioneira do que Jenni Sorki define como “estética lésbica”, a americana Barbara Hammer celebra, por sua vez, o amor entre mulheres num filme, **Classic Lesbian Films: Dyketactics**, sobre corpos que se tocam e brincam em liberdade no meio da Natureza – há um lado quase renoiriano aqui, nesta “partie de campagne” que desfecha num momento de intimidade, com cores quentes próximas dos filmes mais pessoais de Stan Brakhage. Ao mesmo tempo, sobretudo na primeira metade, com os corpos à solta no campo, as imagens sublimam-se e bailam em sobreimpressões mais ou menos etéreas.

Por fim, regressamos ao universo homossexual, mais ou menos interdito, num *super-cut* delirante – a fazer lembrar alguns filmes de apropriação de Harun Farocki – composto por rostos de homens em momentos de prazer sexual. O alemão Michael Brynntrup produz, nesta colagem em Super 8, ampliada, depois, para 35 mm, de filmes pornográficos dos idos anos 70, uma espécie de banquete mais cómico do que erótico, ou melhor, que afirma exatamente o sexo através da comicidade. **All You Can Eat** é uma boa forma de fechar um programa dedicado à afirmação do sexo como coisa natural (*simplesmente*), aberta à recreação e à (re)criação identitária.